

O CHANCELER BISMARCK E A MARINHA IMPERIAL BRASILEIRA

ALVANIR B. DE CARVALHO*
Professor

SUMÁRIO

Introdução
Evolução dos apetrechos de guerra
A invenção da catapulta
Navios de casco de madeira
Surge a couraça
Invenção do canhão raiado
O Chanceler Bismark e a Guerra do Paraguai
Corrida bélica do Paraguai
A missão Candido Bareiro
Os monitores encouraçados
Canhões Krupp
A proibição do Chanceler Bismark

INTRODUÇÃO

A história da guerra revela que homens corajosos se enfrentam, em batalha, contra outros homens não menos corajosos, resultando vencedores não necessariamente os mais fortes ou os mais

destemidos, mas sim o grupo que dispunha de armamento de melhor qualidade e eficiência.

Afinal, destruir o potencial militar do inimigo com o mínimo de perda do seu próprio pessoal constitui o objetivo de qualquer general que se preze.

* Professor de economia; modelista naval; colaborador da RMB.

Disso resulta o incessante esforço de cada país em dotar suas Forças Armadas daquilo que constitui, em cada momento, o mais avançado e mais eficiente tipo de armamento disponível.

EVOLUÇÃO DOS APETRECHOS DE GUERRA

Ao dotar seus soldados de uma pesada couraça de ferro, Esparta predominou, durante meio século, sobre as demais cidades-Estado gregas, até que surgiu o rei Felipe, da Macedônia, pai do famoso Alexandre Magno, que dotou suas tropas de uma revolucionária arma de combate, a lança conhecida por Larissa, medindo 4 metros de comprimento, pelo que os infantes macedônios podiam acometer e ferir os infantes inimigos sem se exporem ao contato físico com os mesmos, mantidos a distância pela nova arma.

E assim foi que, depois de eliminar o exército tebano, aliado e vizinho de Esparta, o rei Felipe impôs sua vontade às demais cidades-Estado gregas.

A INVENÇÃO DA CATAPULTA

Num combate corpo a corpo, ambos os contendores se expõem ao risco de saírem feridos pelo adversário. Daí que os planejadores militares passaram a se preocupar em desenvolver armas que fossem capazes de atingir os adversários a partir de uma certa distância, sem expor seus próprios soldados.

Foi então que surgiram as catapultas dos mais diversos tipos e modelos, desde aquela empregada pela infantaria romana, para lançar lanças a uma grande distância (quem sabe, o precursor do canhão de campanha?), às pesadas catapultas que arremessavam pedras destinadas a romper os muros que defendiam uma cidade sitiada.

NAVIOS DE CASCO DE MADEIRA

No meio naval, desde a antiguidade os navios também foram utilizados como meio de transporte de tropas, só que os navios de então, salvo o emprego eventual de um grosso esporão, o aríete, eram empregados quase que como simples plataformas, os combates sendo travados em desesperadas lutas do tipo corpo a corpo, no convés do navio atacado, com riscos físicos para os tripulantes de ambas as embarcações envolvidas.

Eram navios dotados de casco de madeira, pelo que não faltou aos estrategistas de então adaptarem catapultas especialmente projetadas para lançar petardos incendiários contra os navios inimigos, conhecidos por “fogo grego”, capazes de produzir incêndios catastróficos nas embarcações porventura atingidas.

Foi quando apareceu em cena uma poderosa arma de combate, denominada canhão, que disparava balas redondas destinadas a destruir sobretudo a mastreação do navio inimigo, que ficaria então impedido de manobrar, expondo suas partes mais vulneráveis a um ataque concentrado, decisivo para aquele entrevero, navio contra navio.

Por oportuno, é mister dizer que os combates navais entre navios dotados de canhões que lançavam balas redondas podiam durar muitas horas, às vezes sem um resultado conclusivo.

No ano de 1854, estalou uma guerra entre a Inglaterra e seus aliados, França e Turquia, contra a Rússia Imperial, naquilo que a História passou a denominar de Guerra da Crimeia.

A Marinha de Guerra britânica era conhecida, então, como a mais poderosa do mundo. Somada à Marinha francesa, as forças navais combinadas atacaram a fortaleza russa de Kimburn, que defendia Sebastopol.

Kimburn era dotada de poderosos canhões que destroçavam os frágeis navios de madeira utilizados pelas forças atacantes, levando vantagem sobre eles.

SURGE A COURAÇA

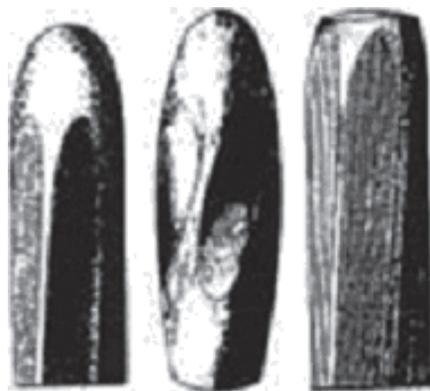
Foi então que Napoleão III, o novo imperador dos franceses, adotando orientação fornecida por um dos seus conselheiros militares, mandou construir três chatas artilhadas dotadas de uma couraça de proteção externa, que receberam os nomes de *Lave*, *Tonnante* e *Devastation*, pelo que puderam se aproximar, sem grandes riscos, das muralhas da fortaleza de Kimburn, que foram destruídas pelo impacto das balas disparadas pelos canhões das chatas, possibilitando sua invasão por tropas de infantaria, que dominaram aquela estratégica posição fortificada.

O sucesso das baterias flutuantes francesas foi tão marcante que os ingleses, em constante disputa com seus aliados, também mandaram construir chatas artilhadas de estilo próprio, que receberam os nomes de *Glutton*, *Meteor*, *Thunderer* e *Trusty*.

INVENÇÃO DO CANHÃO RAIADO

Dizem que aprender às custas dos outros é a maneira menos dolorosa de qualquer aprendizado.

As balas disparadas pelos canhões de alma lisa (balas redondas), que constituíram o padrão de uso mais comum naquela época, tinham capacidade de penetração na madeira do casco dos navios de então, porém não eram capazes de perfurar a chapa de ferro da couraça dos navios que passaram a ser construídos.



Projéteis raiados dos canhões Whitworth



Bateria flutuante *Lave*, da classe *Tonnante*, construída em 1855

A Guerra da Crimeia foi uma das primeiras guerras da época moderna em que os jornalistas se faziam presentes em toda parte, divulgando tudo o que viam, incluindo-se aí comentários sobre os efeitos da couraça de proteção das chatas artilhadas. Por força disso, logo logo as principais Marinhas de Guerra de outros países trataram de construir navios dotados de couraça de ferro.

Durante algum tempo, a couraça de ferro serviu de antídoto contra os disparos dos canhões de alma lisa. Entretanto, procu-



O autor diante da couraça de um navio brasileiro da época da Guerra do Paraguai, em exposição no Museu Histórico Nacional, marcada pelo impacto de balas redondas. O autor suspeita tratar-se da couraça do Encouraçado *Brasil* (Fotografia de José Lobato Franco)

rando contornar aquela situação, os fabricantes de canhões realizaram pesquisas e experimentos que resultaram na fabricação de canhões de cano estriado, popularmente denominados de canhões raiados.

Os novos canhões não apenas resultaram com maior precisão de tiro e de maior alcance de suas balas, como também seus projéteis tinham uma força de impacto muito maior, sendo capazes de perfurar a couraça dos navios da época, tal qual poderá ser ob-

servado na foto de uma das chapas da couraças do *Silvado*,¹ também em exposição no Museu Histórico Nacional, aqui reproduzida.

O CHANCELER BISMARCK E A GUERRA DO PARAGUAI

Aqui entra em cena o impoluto chanceler alemão Oto Von Bismark, por mim considerado, neste artigo, como protetor indireto da Marinha Imperial brasileira.

1 N.R.: Malgrado a realização de pesquisas nos registros dos combates ocorridos no decorrer da Guerra do Paraguai envolvendo nossos navios, uma vez que não foram encontradas quaisquer referências a eventuais perfurações produzidas por balas raiadas na couraça de qualquer um dos navios brasileiros empregados naquela campanha, o autor deduziu que a perfuração da couraça do *Silvado*, conforme aparece na foto, decorreu de alguma experiência feita pela Marinha Imperial após o final da guerra, com a couraça que pertenceu ao *Silvado* tendo sido utilizada apenas como teste da potência de fogo de um canhão raiado de grosso calibre, em uso em alguns dos nossos navios, e não do disparo de um canhão raiado paraguaio, visto que, pelo que consta nos registros da época, o Paraguai dispunha de apenas dois canhões raiados de pequeno calibre.



Fotografia de uma das chapas da couraça do *Silvano*, perfurada pelo impacto de uma bala disparada por canhão raiado de grande calibre (Fotografia de José Lobato Franco)

Antes disso, um preâmbulo. As guerras também têm um outro aspecto menos evidente e menos belicoso, porém não menos letal, representado pelo conflito sigiloso realizado nos bastidores, quer por meio de informações coletadas por espões plantados no solo do inimigo, quer nos conchavos e negociações diplomáticas. A Guerra do Paraguai também teve seus aspectos secretos, somente revelados algum tempo depois.

Corrida bélica do Paraguai

Agindo com muita discrição, o Presidente Solano López deu início, a partir de 1862, a uma política secreta objetivando armar o Paraguai, preparando aquele país para uma guerra aparentemente ainda não definida.

Do lado brasileiro, os líderes nacionais que detectaram indícios da vontade bélica do dirigente paraguaio achavam que aquela atitude tinha por objetivo preparar o Paraguai para um enfrentamento eventual

contra a Argentina, de onde haviam partido, no passado, duas iniciativas tentando dominar aquele país, unindo seus territórios com o propósito de formar uma Argentina maior, no estilo do antigo Vice-Reinado do Prata.

Era uma época de desconfianças mútuas. O Brasil temia a expansão da Argentina, que, nas últimas décadas, havia demonstrado intenções de incorporar não apenas o Paraguai, mas também o Uruguai, situação essa que, caso de fato ocorresse, transformaria o Rio da Prata num “mar mediterrâneo argentino”, com todas as consequências negativas, políticas e econômicas que disso poderiam resultar.

Para o leitor menos avisado, convém não esquecer que, naquela época, os meios de comunicação, sobretudo aqueles de natureza econômica, com a distante província brasileira de Mato Grosso, e também com algumas cidades da fronteira gaúcha, dentre as quais se destacava Uruguiana, de-

pendiam sobretudo do transporte fluvial, pelo que, se a Argentina passasse a dominar as duas margens do estuário do Rio da Prata, o Brasil ficaria sujeito à vontade eventual dos dirigentes argentinos em deixar passar, ou não, os nossos navios.

Por conseguinte, do ponto de vista brasileiro, preparar o Paraguai para enfrentar a Argentina numa guerra nos era inteiramente conveniente. Deve ter sido este o raciocínio que levou o Brasil a enviar para o Paraguai uma missão militar brasileira que ajudou a reorganizar e treinar o exército do Paraguai, sem esquecer do planejamento de algumas das fortalezas às margens do Rio Paraná, as quais, anos mais tarde, tiveram que ser atacadas pelas nossas forças, com a perda de milhares de vidas brasileiras.

A missão Candido Bareiro

Todavia, a política brasileira era de sentido pragmático. Com um olho na missa e outro no vigário, o governo brasileiro não deixou de se manter atento à estranha movimentação do Paraguai no cenário europeu.

Com efeito, nos primeiros meses de 1864, o Presidente López enviou para a Europa Don Candido Bareiro, designado por seu governo para assumir as legações do Paraguai junto às cortes de Londres e de Paris, onde o próprio López passara mais de um ano, no período de 1861/62.

No ano de 1906, após a guerra, Candido Bareiro publicou um livro intitulado *Anales Diplomático y Militar de la Guerra Del Paraguay*, no qual confirmou a existência dos planos militares do Presidente López, comprovando o que dizia com a reprodução da correspondência trocada entre ele e o referido Presidente.

Segundo Bareiro, sua missão na Europa tinha como encargo adicional a compra de armamento e de navios de guerra, entre os

quais dois moderníssimos monitores encouraçados de primeira classe.

No ano de 1878, Candido Bareiro foi eleito Presidente do Paraguai.

Os monitores encouraçados

No dia 21 de julho de 1864, o Presidente López enviou uma carta a D. Candido Bareiro, na qual acusava o recebimento dos planos de construção dos encouraçados pretendidos, elaborados pela empresa de consultoria John and Alfred Blyth, de Londres, porém reclamando que os referidos planos estavam incompletos, pelo que delegava ao próprio Candido Bareiro a autorização para adotar as soluções que se fizessem necessárias.

Os projetos dos futuros navios encouraçados tinham sido elaborados pela empresa John and Alfred Blyth, que agia tão somente na qualidade de consultora, razão pela qual, ao receber autorização do governo paraguaio para a construção dos navios pretendidos, a empresa Blyth abriu uma concorrência pública, de modo a poder escolher qual o estaleiro inglês que se disporia a construir os novos encouraçados.

Até então, os irmãos Blyth tinham agido com extrema discrição, pelo que ninguém fora do governo paraguaio suspeitava das encomendas então negociadas. Todavia, ao abrir uma concorrência, aquela informação caiu no domínio público, levando o encarregado de negócios do Brasil – visto que as nossas relações diplomáticas com a Inglaterra estavam rompidas desde o incidente conhecido por Questão Christie – a alertar o nosso país quanto àquele aspecto.

Ainda que preocupados com o assunto, uma vez que, supostamente, o Paraguai era um país nosso aliado, nada mais pudemos fazer a não ser acompanhar os acontecimentos a distância.

Canhões Krupp

O Brasil não tinha qualquer pretensão territorial em relação ao Paraguai, pelo que nos dispusemos a ajudar aquele país a construir fortificações de terra no Rio Paraguai. Todavia, ao descobrir, quase que por acidente, que o Paraguai estava comprando navios de guerra encouraçados, essa nova informação mudava inteiramente o aspecto da questão.

Com efeito, fortalezas de terra não se movem do lugar, pelo que não ameaçam ninguém. Todavia, navios encouraçados podem fazê-lo, pelo que se tornam uma ameaça a terceiros, daí merecerem uma apreciação diferenciada.

Pouco depois, o Visconde de Itajubá, embaixador brasileiro junto ao reino da Prússia – como a Alemanha era então conhecida –, tomou ciência de que os paraguaios haviam encomendado 36 canhões raiados de grosso calibre.

Alertados quanto aos aspectos bélicos das encomendas paraguaias, o governo imperial do Brasil ficou atento. Todavia, e uma vez que os dois países se encontravam em paz, quase nada poderia ser feito nesse sentido.

A proibição do Chanceler Bismark

Homem de visão no futuro, além de encomendar navios encouraçados, de cujos projetos participou pessoalmente, o Presidente López também mandou comprar canhões raiados para serem instalados nas fortalezas montadas no Rio Paraguai.

Entretanto, ao que parece, o Presidente López, como usualmente o fazem todos os

ditadores, também era um tipo de pessoa dada a tomar decisões individuais, precipitadas, que de certo modo nos favoreceram. A apreensão do vapor comercial brasileiro *Marquês de Olinda*, em novembro de 1864, seguido da autorização para que o exército paraguaio invadisse Mato Grosso (onde tomaram o Forte de Coimbra) e a cidade argentina de Corrientes, por onde pretendia fazer passar um forte exército em direção ao Uruguai, precipitou a guerra vários meses antes de estarem prontos os navios encouraçados e também antes da chegada dos 36 canhões raiados alemães ao Paraguai.

Todavia, a precipitação do Presidente López nos foi extremamente favorável.

Pelo que se descobriu posteriormente, a guerra contra o Paraguai parecia inevitável. Todavia, se a Marinha do Paraguai dispusesse de navios encouraçados, a Batalha Naval do Riachuelo teria sido perdida pela Marinha do Brasil, com os encouraçados paraguaios podendo ameaçar bombardear Buenos Aires ou Montevidéu, sem que ninguém os pudesse impedir.

Vendo a questão por outro ângulo, mesmo não contando com os navios encouraçados, se os paraguaios tivessem ao menos recebido os 36 canhões Krupp de cano raiado e os tivessem instalado nas fortalezas do Rio Paraguai, nem mesmo os futuros navios encouraçados da Marinha Imperial teriam condições de enfrentar aquelas fortalezas do inimigo. Não teria havido o forçamento da Passagem de Humaitá e, conseqüentemente, a guerra poderia ter-se prolongado por mais de um decênio, com tudo de ruim que um tal pro-

**O Chanceler Bismark
contribuiu, ainda que de
forma indireta, para
encurtar a guerra,
poupando a destruição da
esquadra imperial
brasileira**

longamento poderia acarretar para os dois países.

Ocorreu que, aproveitando-se da eclosão da guerra, o Visconde de Itajubá, representante brasileiro junto à corte prussiana, manobrou, junto ao Chanceler Bismark, de modo a tentar impedir a saída dos canhões raiados fabricados na Alemanha rumo ao Paraguai.

A atuação do embaixador brasileiro teve efeitos positivos. Daí que, no dia 7 de março de 1865, Gregório Benitez, encarregado de negócios do Paraguai em Berlim, enviou

correspondência ao Presidente López informando-o de que, no dia 9 de fevereiro daquele ano, o poderoso Chanceler Bismark havia proibido a remessa dos canhões Krupp para o Paraguai.

Desse modo, o Chanceler Bismark contribuiu, ainda que de forma indireta, para encurtar a guerra, poupando a destruição da esquadra imperial brasileira, salvando bem assim a vida de alguns milhares de soldados brasileiros que ver-se-iam envolvidos numa guerra sem fim.

 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS> Guerra do Paraguai; Armamento; Construção naval; Relações internacionais;